

Sylvia Regina Hellmeister

A estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) refere-se a uma produção mundial para 1977/78 da ordem de 366,0 milhões de toneladas, significando um novo recorde, o qual vem se repetindo por vários anos. Em 1977, 348,0 milhões de toneladas acusaram um acréscimo de 1,2% em relação ao ano anterior, quando a produção foi de 343,0 milhões de toneladas.

O desempenho da Índia, Bangladesh, Japão e outros compensaram os prejuízos ocasionados pela estiagem ocorrida na Indonésia, Tailândia, Birmânia e China. Não obstante, este último concluiu a temporada com 127,5 milhões de toneladas, contra 126,5 milhões em 1977.

Conforme estimativa de novembro p.p., a Índia poderia concluir a temporada com 79,1 milhões de toneladas, correspondendo a um incremento de 5,0 milhões. Em Bangladesh os 19,3 milhões previstos significam 2,0 milhões de toneladas de acréscimo. Embora com um declínio de 10%, a produção japonesa de 12,5 milhões é de grande significância. A Indonésia, com 22,8 milhões, já em fevereiro de 1977 se lançava às importações. Na Tailândia e Birmânia, os valores previstos giram em torno de 14,5 e 8,8 milhões de toneladas, respectivamente.

O incremento detectado no volume de produção não apresentou correspondência no setor comercial, que se apresentou inclusive em retração. O total transacionado em 1978 está estimado em 8,9 milhões de toneladas, quando em 1977 este volume se situou em 10,1 milhões. A Tailândia, que vem despontando como principal exportador, restringiu as suas vendas, comercializando apenas 1,6 milhões de toneladas em confronto com as 2,9 milhões do ano de 1977.

Como reflexo do incremento na produção e decréscimo nas exportações, os estoques mundiais de 1977/78 devem somar 20,3 milhões de toneladas (arroz beneficiado) comparados aos 16,7 milhões do final de 1976/77.

Os preços, relacionados com o desempenho do mercado, estiveram em ascensão gradativa e continuou até meados de maio. A partir daí, definida a posição do comércio e os níveis de produção nos países importadores, observou-se um declínio constante que perdura até o referido momento. Em média, as cotações no mercado internacional no decorrer de 1978 estiveram a US\$360/t para o arroz com 5% de quebrado e a US\$350/t para o produto com 15% de quebrado, FOB Bangkok.

Para a temporada de 1978/79, a estimativa de produção de 373 a 375 milhões de toneladas e a manutenção de um estoque da ordem de 24,7 milhões não constam como fatores que possam influenciar na recuperação

dos níveis de preços, principalmente nos moldes de 1974 e 1975.

No que se relaciona ao comércio, em 1979, a tendência é de equiparação ao último ano ou mesmo um volume inferior, ou seja, de cerca de 8,6 milhões de toneladas, dada a expectativa de melhor desempenho nos países importadores.

A última estimativa da FIBGE sobre a safra nacional de 1977/78 refere-se a um volume equivalente a 7.240 mil toneladas, o que significa um decréscimo de 19%, em confronto à temporada anterior (quadro 1).

O panorama das duas últimas safras, com oferta substancial e mercado deprimido, não ofereceu estímulos favoráveis à orizicultura desta temporada. Entretanto, mesmo que não houvesse perspectiva no sentido de volumes próximos aos desses períodos, não se contava com os efeitos da estiagem, nos moldes da verificada.

Concentrada na região Centro-sul a produção brasileira novamente esteve na dependência do desempenho dessas áreas, que apesar dos prejuízos tiveram participação de 77,1% no total da produção nacional.

O Rio Grande do Sul e o Mato Grosso foram os principais responsáveis pelo volume obtido, contribuindo conjuntamente com 61,0% da produção do Centro-sul e 47,0% do Brasil.

O Estado do Paraná, que via de regra tem uma participação significativa na produção do Centro-Sul, foi a principal área atingida pela seca, com reduções de até 70,0% nas suas estimativas iniciais. São Paulo, igualmente, teve razoável comprometimento, com quebras de cerca de 30,0%.

Em outubro p.p., quando a semeadura de 1979 se iniciava, a perspectiva para o país se resumia em manutenção ou pequena expansão da área plantada. Havia certa dificuldade em se definir as tendências nesse sentido, dado que os fatores envolvidos eram conflitantes. De um lado atuavam positivamente o nível da safra anterior, os estoques oficiais já bastante baixos, o equilíbrio da oferta e demanda. De outro lado, os prejuízos da última temporada, os riscos da cultura, os níveis de preços de outras lavouras mais rentáveis e a presença do tabelamento exerciam influência negativa.

No cômputo geral, está patente que os orizicultores, principalmente das regiões Sul e Central, estavam inclinados a efetivar uma exploração mais extensiva. Baseado nessa tendência e na produtividade dos últimos anos a CFP estimava a produção brasileira de 1978/79 em 8,9 a 9,5 milhões de toneladas. Posteriormente, ou seja, em janeiro p.p., quando se fazia sentir os efeitos da falta de precipitação, essa estimativa foi revisada para 8,5 a 8,9 milhões de toneladas. Com o progressivo e agravante problema da estiagem e o excesso de precipitação em outras áreas, projetou-se um novo valor, da ordem de 8,1 a 8,4 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, as dificuldades com as intensas chuvas

de novembro p.p. e posteriormente a estiagem reduziam a previsão inicial de 2,2 milhões de toneladas para 1,8 milhão.

O Estado do Paraná foi a área mais afetada, a nível nacional. Os prejuízos montam cerca de 47%, pois das 841,5 mil toneladas previstas a expectativa de colheita é de 440,9 mil.

No Estado de São Paulo, apesar de algumas áreas haverem sido consideravelmente afetadas, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, que concentram 35% a 40% do total da produção, desfrutaram de condições excelentes. No 2º levantamento de safras agrícolas do Estado, realizado pelo IEA/CATI, a estimativa da produção paulista é de 331,8 mil toneladas, equivalente a um acréscimo de 34,7%.

No que diz respeito aos estados Centrais, principalmente Minas Gerais, a cultura foi beneficiada com as chuvas, afora algumas áreas inundadas. Neste Estado está garantida uma produção excelente, estimando-se que a safra mineira situar-se-á em 700 a 730 mil toneladas. Em Goiás, a perspectiva é de 100 mil toneladas, devido a um aumento da produtividade, enquanto que para Mato Grosso do Sul são esperadas 500 mil toneladas, em decorrência da seca verificada na região de Dourados.

Em Mato Grosso a estimativa é de 1,0 milhão de toneladas.

Nesse período atual de colheita, a estimativa da safra nacional realizada pela CFP, ao redor de 8,0 milhões de toneladas será insuficiente ao consumo brasileiro. Efetivada essa previsão, novamente será impossível a reposição dos estoques oficiais como nos últimos anos.

Considerando que, em 1977, concluiu-se o ano com um estoque de ordem de 1.400 mil toneladas e que esse volume acrescido da safra de 1978 de 7,2 milhões propiciou em abastecimento até certo ponto apertado, mas possível em função da suspensão de compromissos de exportação (março de 1978), compreende-se que neste ano a situação será mais delicada. O ponto crítico recai no fato de que em 1978 além das exportações brasileiras se reduzirem de 409,1 mil toneladas, para 184,6 mil toneladas, houve necessidade de se recorrer às importações para, além de atender às necessidades imediatas de consumo, controlar os níveis de preços e ainda concluir o ano com um estoque estimado em 350 a 400 mil toneladas. Segundo fontes oficiais, o total efetivamente importado até a segunda quinzena de dezembro atingiu cerca de 60 mil toneladas de arroz beneficiado, provenientes do Uruguai, Costa Rica e Austrália. O total previsto, entretanto, era de cerca de 100 mil toneladas, com entrega prevista até fevereiro-março.

Com referência à comercialização em geral, em agosto p.p. a escassez do produto em mãos de produtores e comerciantes exigiu que a CFP liberasse determinadas cotas em alguns centros consumidores. O Paraná talvez tenha sido um dos maiores beneficiados dessa política dada a quebra da produção de praticamente 1/3. Minas Gerais, mais precisamente Belo Horizonte, também contou com as parcelas oficiais. Na região Sudeste os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de terem acesso ao pro

duto da CFP, também tiveram a contribuição do IRGA.

Na realidade, o que se observou neste ano de 1978 e início de 1979 foi um comércio baseado, também, nos estoques oficiais e nas importações, as quais contribuíram para o abastecimento de São Paulo e Rio de Janeiro, particularmente.

Todos os imprevistos que caracterizaram o mercado interno nesses últimos meses não poderiam deixar de influenciar as cotações, embora o comércio a partir de meados de junho p.p. fosse pela tabela da SUNAB incidente no atacado e varejo. De acordo com o tabelamento, os limites de preço para o arroz grão longo, tipos 1 e 2 seriam a nível de varejo, de Cr\$10,00/kg no Rio de Janeiro, Cr\$9,85 no Paraná, Minas Gerais e São Paulo, Cr\$9,70 no Rio Grande do Sul.

Esses valores, apesar de equilibrados com o mercado, na época em que foram fixados, a curto prazo foram se tornando defasados. Na medida em que o mercado se desenvolvia e a tabela não era revisada, observava-se um comércio em que o produto dificilmente se enquadrava nos padrões estipulados e os preços, embora não divulgados, situavam-se em níveis diferentes aos da tabela.

Com o afluxo das importações houve um arrefecimento dos mercados, principalmente do Rio e São Paulo. Atualmente com os limites majorados em 10% espera-se que o comércio se estabilize até a comercialização da nova safra e a possível retirada da tabela.

No estado de São Paulo, a nível de produtor houve uma ascensão gradativa nos valores médios obtidos no decorrer de todo 1978, sendo que a média anual esteve em Cr\$250,00/sc. de 60kg. Os maiores valores foram observados a partir de março p.p. quando o conhecimento da frustração da safra paulista refletiu-se nos níveis de preços. Atualmente as cotações estão ao redor de Cr\$320,00/sc. de 60/kg, e não deverão apresentar grandes reduções com a entrada da nova safra, dadas as necessidades de abastecimento nacional.

QUADRO 1. - Área, Produção e Rendimento de Arroz <sup>(1)</sup> nos Estados da Região Centro-Sul, 1975/76 a 1977/78

Estado	1975/76			1976/77			1977/78		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
Rio Grande do Sul	520,0	1.850,0	3.558	566,0	2.105,0	3.719	538,8	2.009,1	3.729
Mato Grosso	1.493,3	1.626,8	1.089	1.546,7	2.095,6	1.355	1.526,4	1.396,7	915
Goiás	1.144,1	1.319,4	1.153	777,4	620,5	798	752,6	621,1	825
Paraná	621,9	1.088,8	1.751	564,1	904,9	1.604	381,7	210,2	551
Minas Gerais	852,6	962,1	1.128	708,9	636,0	897	631,9	644,2	1.019
São Paulo	620,3	840,0	1.354	347,0	360,0	1.037	341,9	246,3	752
Santa Catarina	156,1	318,3	2.039	148,2	333,0	2.247	133,3	279,0	2.093
Rio de Janeiro	45,7	68,9	1.508	46,0	82,8	1.800	41,0	94,3	2.300
Espírito Santo	51,7	58,4	1.130	49,0	68,6	1.400	46,0	82,8	1.800
Centro-Sul	5.505,7	8.132,7	1.477	4.753,3	7.206,4	1.516	4.393,6	5.583,7	1.271
Norte-Nordeste	...	1.427,6	...	...	1.728,9	...	...	1.658,0	...
Brasil	...	9.560,3	...	...	8.935,3	...	...	7.241,7	...

(<sup>1</sup>) Arroz em casca.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) e Instituto de Economia Agrícola (IEA).